



Director literario:

Atchafalpes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juan Collado
PAPUSSE

Barraca de Tandoches



*Pim, Pam e Pum, à saída
Do colégio, a toda a pressa,
Evitam nova partida
Ao primeiro que apareça.*



*Mas ouvindo o aranzel
Dum pregão de vendedeira,
Clama Pum:—esta assadeira
Cai como a sopa no mel!*



*Distrai Pim, com mil cuidados
E suas mil artimanhas,
A assadeira das castanhas,
Que vai ver-se em mil assados.*



*Então Pum que está à coca,
Mete o balão na panela,
Que estoirará dentro dela,
Como castanha na boca.*



*Dito e feito. De seguida,
Um enorme estouro:—Pum!
Revela que foi só um,
O autor desta partida.*



*E enquanto a velha raivosa,
Cai desmaiada no chão,
Farruscada de carvão,
Foge a seita tenebrosa!*

HISTORIA DE NALA E DAMAYANTI CONTO INDIANO

ADAPTAÇÃO DE
MARIO ALVES
PEREIRA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

O RA aconteceu que os Deuses sabendo que Damayanti ia escolher, em breve, aquele a quem daria a sua mão, presos p'la sua beleza, resolveram tambem comparecer na assembleia.

Então, entre um imenso cortejo, Indra e Agni e todos os Deuses do Ceu desceram á terra.

Nesse instante, ia Nala no seu esplendido carro a caminho do país de Bhima, de alma alegre e coração contente.

Avistando-o ao longe, o Deus Agni disse aos seus divinos companheiros:

«Álem vai o rei Nala correndo para o país dos Vidarbhas. Se nenhum homem no mundo o iguala, quem sabe lá se a princesa o não prefere aos próprios Deuses?»

Piedoso como ele é, não lhe ocultemos o nosso desejo, antes façamos com que venha em nosso auxílio.

Disse. E o esplendoroso Agni dirigiu-se a Nala e falou-lhe assim:

«Nala, tu és o melhor dos homens e mostras uma constante fidelidade aos Deuses. Pois sabe que aquele que te fala é Agni. A meu lado está Indra, o senhor do Ceu; são Deuses todos os que me acompanham».

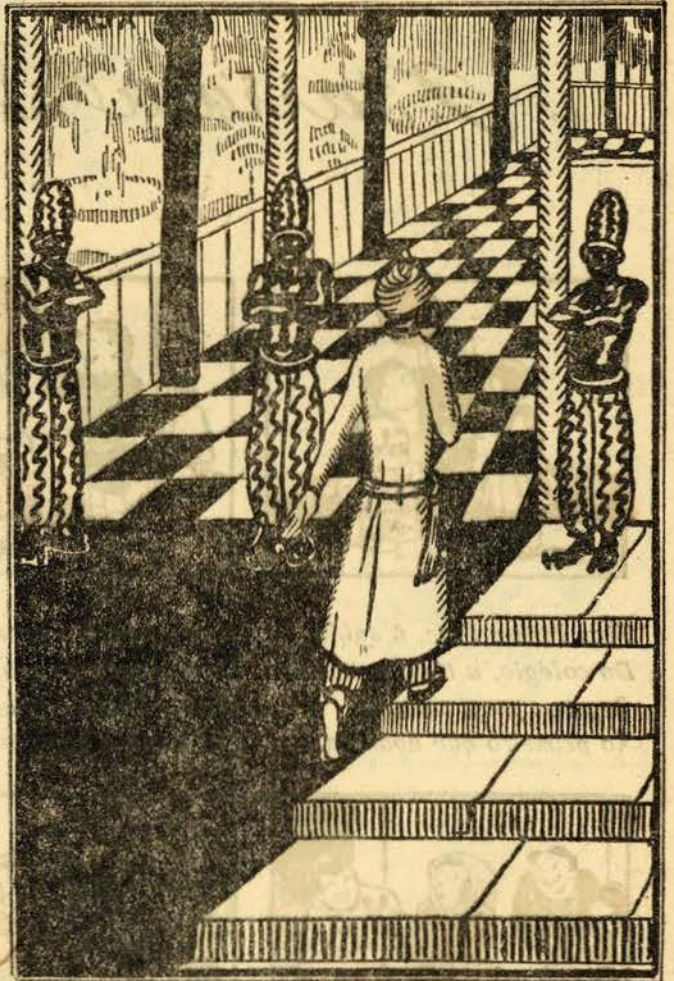
Nala juntou as mãos e disse: «Eu vos adoro e sirvo, ó Deuses!»

E Agni continuou: Precisamos que tu sejas o nosso mensageiro».

«Ainda que eu tenha pressa de chegar ao fim desta jornada, disse Nala, obedecer-vos-ei.»

«Pois bem, replicou Indra, fica sabendo que os imortais amam divinamente uma simples mortal. Todos nós conhecemos Damayanti e sabemos que vai ter logar a assembleia onde esta elegerá o seu esposo. Vai procurar a princesa e dize-lhe a honra que a espera e que, por isso que os Deuses a pretendem para si, ela não deve escolher um príncipe da terra. Que ela, graças a ti, compreenda o seu dever.»

Nala, prestes a desmaiar, respondeu num murmúrio: «Decerto apenas quereis experimentar-me! Não ignorais, ó Deuses, que eu vou tambem onde vós ides. Não ignorais que eu amo Damayanti! O'



Deuses bons, disse ajoelhando, eu vos suplico que não façais de mim o vosso mensageiro. Como poderei eu dizer áquela que amo que venha a ser um dia a mulher de outro?»

«Nala, disse Indra, tu prometeste... Terás de honrar a tua promessa... Disseste: «Obedecer-vos-ei!...» Obedece...»

Nala fixava em Indra e fixava em Agni os olhos turvos de lágrimas. E disse ainda: «O palacio de Bhima está bem guardado; como poderei eu entrar?»

Não te inquietes, respondeu Indra, as portas se abrirão. Obedece-nos!

E o triste Nala, numa voz que mal se ouvia, suspirou: «Obedecer-vos-ei...»

* * *

E Nala prosseguiu a viagem, soluçando. Ao chegar ao palacio de Bhima os guardas nada fizeram para o deter. As portas abriam-se por si. Ninguém parecia dar pela sua presença: os Deuses haviam-no tornado invisível. Transpôs uma última porta e achou-se nos jardins reais. Dirigiu-se para um bosque e viu um grupo de donzelas que andavam rindo e brincando. E Nala de entre todas reconheceu Damayanti. Reconheceu a Bem-Amada e chorou de amor e de alegria; reconheceu-a e lembrou-se da promessa que fizera aos Deuses e chorou de dôr e de paixão. E Damayanti reconheceu Nala que lhe apareceu então, de subito, aos seus olhos. E teve um grito de surpresa e não tentou fugir. Deu dois passos para ele e toda tímida nem ousava falar-lhe. E os seus lábios entreabriam-se e, alegre e trêmula, calava-se.

Nala já não chorava: tinha dominado a sua dôr; cumpriria fielmente a sua palavra.

E Damayanti, por fim, falou-lhe então e disse:

«Quem és tu, meu lindo principe, quem és? Quem és tu, que assim nasceste para ser amado? Dize... dize o teu nome e dize donde vens...»

«O' linda entre as mais lindas, o meu nome é Nala.»

«Bem o sabia!» Disse alegremente Damayanti. «Bem o sabia já... E já te esperava.»

E batia as palmas de contente, saltava e ria... e eram seus risos claros de cristal. Mas Nala, numa voz grave disse: «Venho junto de ti, ó princêsa como mensageiro dos Deuses. Indra, Agni, Varuna, todos te querem para esposa. E' de entre eles que deves escolher o teu preferido. Pensa em lhes agradar, ó tu que és todo o encanto dos meus olhos. A minha mensagem está cumprida.»

La para se retirar, temendo desfalecer deante de Damayanti...

«Não, não te vás», disse ela. E sempre sorridente, continuou: «Consinto em receber-te, ó rei, como mensageiro de amor, mas sê o teu próprio mensageiro. Não me esqueci do que o cisne me disse. É' por ti só que vai reunir-se a assembleia. Sê-me fiel, ó Nala, como te sou fiel! Dá-me o teu amor como eu te dou o meu!

«Como poderás tu, respondeu Nala, deante dos

Deuses, escolher um homem para teu esposo? Não irrites os senhores do Mundo. Faça a tua razão que eles te não persigam pela cólera. Pensa nas felicidades que desdenhas. Nos teus cabelos brilharão estrelas e andarás pelos Ceus toda vestida de luz. O' Damayanti, não corras para a desgraça!

«Nala, ajoelharei ante os Deuses... mas só tu serás o meu senhor!»

Nala tremia de amor e felicidade mas pensava que assim ofenderia os Deuses: «Ah! gritou; talvez eles me acusem de os haver traído. Mas soube dominar-me e, sem desfalecer, cumpri o meu dever e falei contra o meu desejo. O' Damayanti, minha única amada, segue a tua vontade e faze aquilo que quizeres!»

«Eu heide ser feliz e tu sê-lo-hás comigo! Vai á assembleia dos reis; que os Deuses lá vão tambem. Então, escolherei quem só devo escolher; ninguém no Ceu ou na terra o poderá impedir.

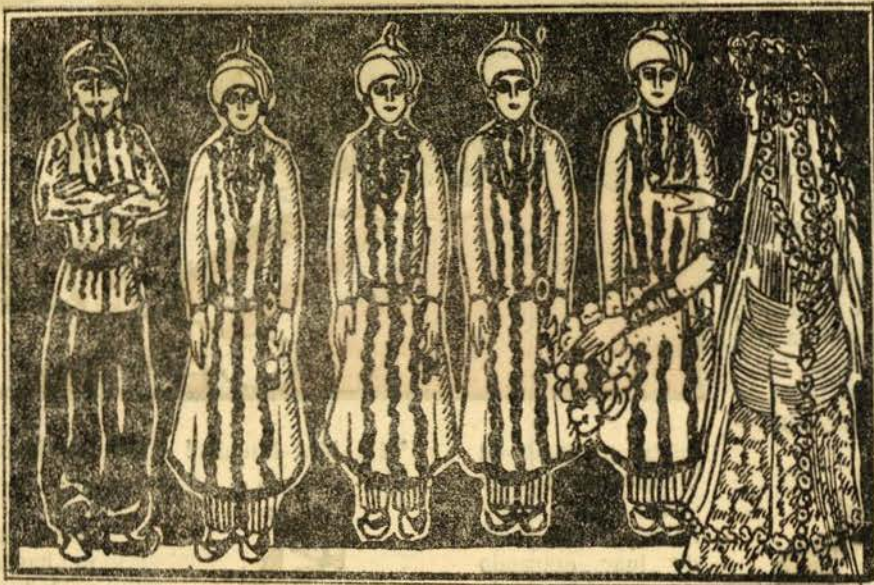
Nala foi ter com os Deuses e contou-lhes toda a sua aventura; nem ocultou mesmo a resolução da princêsa.

E os Deuses sorriram...

E, na companhia de Nala, dirigiram-se para o país dos Vidarbhas.

* * *

Quando chegaram ao palacio foram introduzidos numa grande sala onde as paredes, as colunas e o



tecto resplandeciam de oiro e pedras preciosas. Lá o' rei Bhima recebia os que pretendiam a mão de sua filha. Para cada um tinha palavras de esperança. Deante dos Deuses inclinou-se respeitoso: o seu ar de magestade confundia-o. A' entrada de Nala houve um grito de admiração e todos os reis perderam a esperança de merecer a linda Damayanti. Todos tomaram logar nas suas altas cadeiras e Bhima deu ordem para que prevenissem a princêsa. Damayanti apareceu. Segurava nas mãos uma grinalda de lotus para entregar ao noivo que escolhesse.

Todos tinham os olhos fixos nela e nem ousavam quasi respirar. A princêsa avançou tão docemente que até parecia nem tocar no chão. Os seus olhos percorreram a sala; e de súbito parou e empalideceu de surpresa: a seu lado, numerosos principes tinham todos a figura de Nala!

Mas bem depressa voltou a si pensando que tal milagre era uma cilada dos Deuses. E murmurou então esta oração:

(Continúa no proximo numero)



Os brinquedos de Toninho

TONINHO, um menino que, por fazer anos, tivera muitos presentes, arrumou os bonitos todos que lhe haviam dado a um cantinho da casa das brincadeiras, deitou-se e adormeceu.

Assim que Toninho começou a sonhar, um palhacinho vestido de seda aos quadradinhos vermelhos e amarelos, que o avô lhe havia dado e lhe dissera chamar-se Arlequim, levantou-se em bicos de pés e começou a dar camba-



lhotas no meio de um arco deitado no chão e que iluminado por uma faixa de luar entrando por uma fresta da janela, parecia a arêna do Coliseu.

Um cavalinho de pau, que lhe dera a madrinha, vendo o palhacinho às cambalhotas, começou a dar saltos como os cavalinhos do circo.

Toninho continuava a sonhar!...

Tátá-tará-tátchim! Tátá-tará-tá-tchim!...

Se o Toninho acordasse naquele momento, havia de ficar espantado de vêr os brinquedos a brincarem sósinhos. Mas... **Toninho continuava a sonhar!...**

Só uma boneca que abria e fechava os olhos, dizia: — «papá, mamã» não saíra do seu

lugar — (um lindo berço côr de rosa) — e continuava a dormir como o Toninho. Vai nisto, o palhaço, já



Vendo o palhaço, aos quadradinhos vermelhos e amarelos, a dar cambalhotas e o cavalinho a saltar, um soldadinho de chumbo, que por esquecimento ficára fóra da caixa de cartão, começou a gritar: — às armas!... — e fez sair da caixa todos os outros soldados, uns a cavalo, outros a pé, que logo se perfilaram em frente do comandante. E começaram a fazer exercícios... Uns para a direita, outros para a esquerda, outros para a frente, outros para traz...



farto de dar cambalhotas, pôz-se a olhar para a boneca, que era muito bonita, e, apaixonando-se por ela, resolveu raptá-la, quere dizer: — levá-la consigo, fugir com ela para muito longe. Foi direito ao cavalinho de pau que andava ainda aos saltos em



volta do arco, puxou-o pelas rédeas e... zás! tirando a boneca do berço, saltou com ela para cima do selim e zás-ca-tra-pás... partiu a galope.

A bonequinha, assim que o palhacinho a tirou do berço, abriu logo os olhos muito espantados e começou a gritar: — papá, mamã! mamã, papá!...

Então, o palhacinho aos quadradinhos vermelhos e amarelos, tapou-lhe a bôca, deitou-a no côlo e ela fechou logo os olhos, desmaiada.



Toninho continuava a sonhar!...
Se ele acordasse naquele momento, que

pena teria de vêr o palhacinho levar-lhe a boneca de que ele tanto gostara!

Mas... o Toninho continuava a sonhar!...

Com o palhacinho, e a boneca no selim, zás-ca-tra-pás... zás-ca-tra-pás... continuava o cavalo correndo á desfilada pelo corredor fóra, muito comprido, às escuras, apenas iluminado por uma lamparina à entrada da porta do quarto de Toninho... **que continuava a sonhar!...**

Um outro palhacinho vestido de setim branco — (presente do avô e que o avôsinho dissera chamar-se Pierrôt) — vendo que o palhacinho dos quadradinhos vermelhos e amarelos roubára a linda boneca, foi, a chorar alto e a soluçar, avisar o comandante dos soldadinhos de chumbo, que não reparára em

nada. Então, o comandante disse ao palhacinho branco que ficasse descançado que ia mandar prender o palhacinho aos quadradinhos vermelhos e amarelos.

Pôz-se a tocar a cornêta que trazia sempre consigo e logo apareceram em sua frente doze soldadinhos de chumbo, a cavalo, fazendo a continencia.

A's armas!... — gritou o comandante e os soldadinhos puxaram das espadas. E vai... o comandante pôz-se a dizer aos soldadinhos:

— O palhacinho aos quadradinhos vermelhos e amarelos roubou a boneca do Toninho. Ide prendê-lo; será feito general o que primeiro conseguir apanhá-lo.

Assim que tal ouviram os soldadinhos de chumbo: — Zumba que zumba... partiram á desfilada.

Toninho continuava a sonhar!...

Dos doze cavaleiros, o soldadinho de chumbo que levava a bandeira, foi o primeiro que conseguiu apanhar o palhacinho aos quadrados que ia já no fim do corredor, caminho do ságuão. Uma vez preso, trouxeram-no juntamente com a boneca no cavalinho de pau no meio dos restantes soldadinhos de chumbo.



Assim que o entregaram ao comandante, este tornou a tocar a cornêta e logo vinte e quatro soldadinhos a pé e de espingardas apontadas, cercaram o palhacinho dos quadrados vermelhos e amarelos.

Toninho continuava a sonhar!...

A's armas!... gritou o comandante. Iam fuzilar, isto é, matar a tiro, o palhacinho dos quadradinhos.

Mas a boneca que estava presenciando a scena e já gostava do palhacinho por ter sido ousado, pôz-se na frente dêle disposta a morrer tambem. Então, o palhacinho de setim branco, que sem ninguém saber amava tambem a linda boneca, caíu de joelhos e, erguendo as mãos ao céu, pôz-se a gritar: — meu Deus, meu Deus, não a deixes morrer!



Então, o ceu de papel em que estava transformado o tecto, rasgou-se de alto a baixo e, entre nuvens de algodão em rama, por milagre, surgiu um lindo Anjo branco como

CONTINUAÇÃO DO CONTO

OS BRINQUEDOS
DE TONINHO

o palhacinho vestido de setim, que, descendo, disse para os soldados: — Alto! Tudo para os seus lugares!

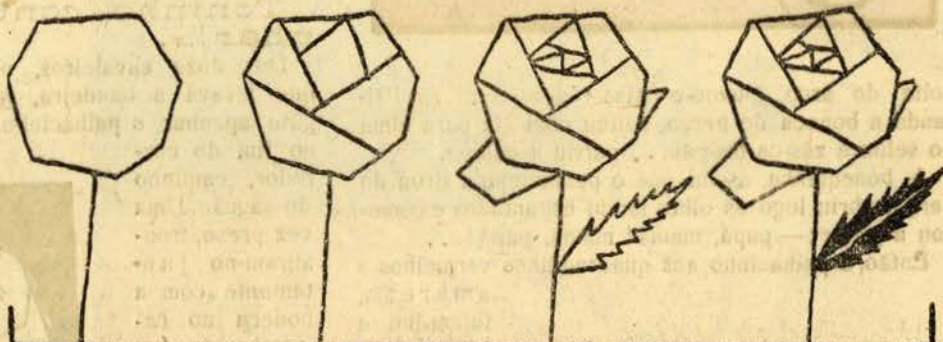
E pegando nos soldadinhos de chumbo arrumou todos dentro da caixa de cartão, menos o soldadinho que por esquecimento ficara fóra da caixa, pôz a boneca no berço, o cavalo e os palhacinhos no mesmo canto em que estavam quando o Toninho se deitára, e no momento em que voltava para o Céu e ia já muito alto...

..o Toninho acordou!



AUGUSTO DE SANTA-RITA

UMA
LIÇÃO
DE
DESENHO



Bibliografia infantil

Obras recomendadas pelo PIM PAM PUM!

(CONTOS GREGOS por Antonio Sergio □ □ □ □ □)
ilustrações de D. Raquel Gameiro
(BONECOS FALANTES por Carlos selvagem □)
ilustrações de Mamia Roque
Gameiro □ □ □ □ □ □ □ □ □ □

Acabamos de receber estes dois belos livros de contos infantis, aos quais faremos mais ampla referencia no proximo numero

Quadros infantis e Historias verdadeiras. — (Historia de Portugal para as crianças). — Narrativas de Augusto de Santa-Rita, com ilustrações de Eduardo Malta. 1º Fasciculo contendo a descrição do Condado de Portugal e dos principais feitos de D. Afonso Henriques. Acompanham este fasciculo dois quadros historicos que se destinam a ser coloridos pelas crianças, por meio de papeis de côr, colados e sobrepostos, segundo os modelos juntos. Trabalho manual altamente interessante e educativo. — Formato Album — Edição de luxo.

Preço do primeiro fasciculo: 10 escudos. — Envia-se pelo correio contra pagamento em carta fechada e dirigida ao director do PIM PAM PUM!

AOS EDITORES

De todas as obras infantis, de que nos sejam enviados dois exemplares, faremos referencia nesta secção, desde que sejam dignas de serem recomendadas.

HORA do RECREIO

Imitação do trovão

(Passatempo científico)

Vamos dar a conhecer esta curiosa experiência: nela devem tomar parte duas pessoas; uma põe as mãos sobre as orelhas e a outra passa-lhe em volta da cabeça um cordel ou guita, conforme se vê na gravura: o operador aperta-o ligeiramente entre dois dedos, afastando-se depois um pouco daquele que se submete á experiência, o qual ouvirá um forte ruído semelhante ao ribombar do trovão. Todavia, para produzir bem este efeito, devem adoptar-se algumas precauções, que vamos indicar. Antes de ter prendido a extremidade do cordel, é preciso agarrá-la com a outra mão no ponto de partida, e fazendo isto



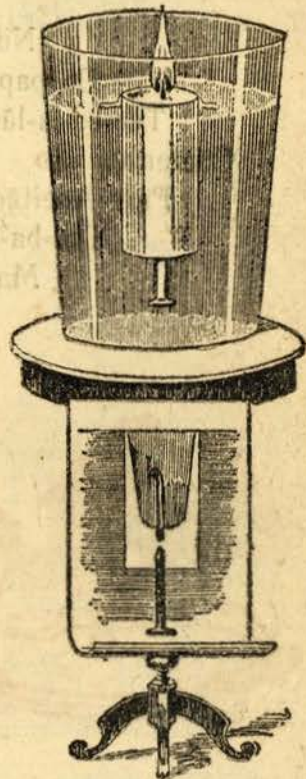
pôde prolongar-se mais a experiência. Se se lhe tocar com as unhas retirando a mão por intervalos, produzem-se ruídos secos que podem imitar um fragor longínquo, desviando ligeiramente as unhas.

Esta simples experiência causa sempre admiração aos que são objecto d'ela, e ninguém seria capaz de imaginar até que ponto é intensa a impressão produzida sobre o tympano.

Tem-se falado também d'outra experiência do mesmo genero, não menos curiosa, que consiste em produzir o efeito do som de um sino, com uma colher pendurada n'um fio.

Lamparina economica

Pega-se num copo com agua e coloca-se sobre uma mesinha de cabeceira. Logo que a agua esteja em repouso, agarra-se num côto de vela e introduz-se-lhe um prego, da forma que o desenho indica. Embora pareça mentira, o prego serve de graduador e anda-se com ele em diversos sentidos até procurar que o côto fique ao nivel da agua; depois não ha mais a fazer do que acender um fosforo e chegá-lo ao côto, acendendo este por sua vez. Vêr-se-ha como o côto se sustem na agua, e á medida que se vai consumindo irá o prego escorregando, obedecendo tudo isto a uma lei fisica bem conhecida.



Advinhas

1

E' de todo indispensavel
(Ainda que isso te espante)
Para pescar-se um bom savel,
E para ser-se elegante.

2

Qual é coisa que nos pés
De qualquer pessoa encontra,
Que ha em jardins e salões
E vês exposta nas montras?

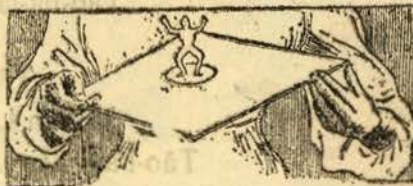
3

E' negro na agua fria,
Vermelho em agua a ferver.
E tambem pôde servir
P'ra candieiros suster.

O bailarino incançavel

Para realizar este divertimento não é preciso recorrer a complicações mechanicas, mas apenas a um meio simplicissimo.

O bailarino obtem-se facilmente recortando uma estampa qualquer e pegando-lhe na base uma pequena tira de cartão. Para sala de baile servirá uma chapa de cristal bem polida. A



tira de cartão pegar-se-ha sobre um vidro de relógio que seja convexo, não plano. Sobre a chapa de cristal deitar-se-hão umas gotas de agua e collocar-se-ha em cima o vidro do relógio com o bailarino.

Para começar o baile, basta inclinar a chapa de cristal até conseguir que o vidro do relógio se ponha em movimento.

Quanto mais se inclinar e com quanta mais força, mais rapido será o movimento de rotação do bailarino. Quando, por excessivo impulso, o vidro do relógio vá a cair, procurar-se-ha incliná-lo em sentido opposto. Sobretudo para o bom resultado da experiência, é necessario ter cuidado que a chapa de cristal esteja perfeitamente limpa.

Tão-ba-la-lão

Tão-ba-la-lão...
Lala e Lalão,
Tão-ba-la-lão!...

Num alazão
De papelão,
Tão-ba-la-lão!...
Contentes vão
Para Azeitão,
Tão-ba-la-lão
Mas dum desvão,
Na escuridão,
Tão-ba-la-lão!...



Como um papão,
Salta um ladrão,
Tão-ba-la-lão!...

Perdendo a fala,
O Lala abala,
Tão-ba-la-lão!...

Lá vai o Lala,
Que é um poltrão,
Tão-ba-la-lão!...

Mas o Lalão,
Que é valentão,
Tão-ba-la-lão!...

E se não rala,
Com uma bala,
Tão-ba-la-lão!...

Ala que ala,
Mata o ladrão;
Tão-ba-la-lão!...

Tão-ba-la-lão!...
Viva o Lalão,
Tão-ba-la-lão!...



Inedito

AUGUSTO DE SANTA-RITA